

*FARIDA KHALAF*

Andrea C. Hoffmann

*A RAPARIGA  
QUE DERROTOU  
O ESTADO ISLÂMICO*

*A HISTÓRIA DE FARIDA*

TRADUZIDO DO ALEMÃO POR

FÁTIMA ANDRADE / JOÃO QUINA EDIÇÕES

ASA



## ÍNDICE

<i>Prólogo</i> .....	9
1: O Nosso Mundo Como Era Outrora.....	13
2: Um Último Bom Verão .....	25
3: A Catástrofe .....	44
4: O Mercado de Escravas de Raqqa .....	74
5: No Domínio das Trevas.....	100
6: Entre os «Cães de Fila».....	129
7: No Acampamento Militar .....	148
8: A Fuga do Inferno.....	179
9: Sem Casa, Sem Nada.....	211
Epílogo .....	233
Epílogo de Andrea C. Hoffmann.....	237



## PRÓLOGO

O meu pai mostrou-me como devia colocar-me:

– O pé esquerdo um bocadinho mais para a frente e as pernas ligeiramente fletidas.

Corrigiu a minha postura, agarrando-me nos ombros por trás e virando suavemente o meu tronco para a frente. Na qualidade de guarda de fronteira do exército iraquiano, sabia lidar com armas. Pôs-me então a arma nas mãos: uma *AK-47*. A *Kalashnikov* pesava menos do que eu pensava.

– Pões a mão direita atrás, no gatilho – explicou. – Assim. Com a esquerda podes ajustar a pontaria, à frente. Aponta àquele tronco de árvore, ali atrás. – Centrei a mira numa das amoreiras do nosso jardim. – E fogo!

Os meus dedos roçaram o gatilho, hesitantes. Nada aconteceu.

– Vá – incitou ele. – Tem confiança, Farida!

Premi muito levemente a pequena alavanca de metal, até esta produzir por fim um estalido suave. Atrás de mim, o meu pai riu.

– É assim mesmo! – elogiou. – Muito bem!

Olhei interrogativamente para ele.

– Ainda não destravei a arma – explicou ele. – Mas vamos tratar já disso; faz-se assim. – Mostrou-me como soltar a patilha de segurança, no lado direito da estrutura. – Estás pronta?

– Claro – respondi, concentrada.

– Agora com cuidado.

– Está bem.

– Apontaste como deve ser?

Assenti.

– Então força!

Um tiro ressoou pelo nosso jardim e a violência do recuo da *Kalashnikov* fez-me cambalear.

– Bravo – disse o meu pai, sorrindo sob o bigode escuro.

Fomos juntos até à árvore, para avaliar o resultado do meu primeiro exercício de tiro: e, de facto, havia um pedacinho de metal embebido mesmo na parte exterior direita do tronco. O cartucho vazio jazia no solo poeirento, a cerca de um metro de distância.

– Tens talento – comentou o meu pai. – Com um pouco de prática, não tardas a ser melhor do que a tua mãe.

– A sério? – perguntei, entusiasmada. Ele fez-me uma festa terna na cabeça.

– Sim, só precisas de praticar algumas vezes, depois torna-se muito fácil. Vou pendurar um alvo para ti no jardim. Vais ver, com o tempo, também perdes o medo da explosão e consegues contrabalançar melhor o coice.

Acenei com a cabeça ansiosamente. Estava muito orgulhosa por o meu pai estar a ensinar-me a manusear a *Kalashnikov*, agora que eu tinha quinze anos. Já tinha ensinado a minha mãe e o meu irmão Delan, dois anos mais velho do que eu, há anos. Em contrapartida, ainda não ensinara o meu irmão Serhad, que era dois anos mais novo do que eu. Era um sinal claro de que me considerava adulta; pelo menos, adulta o suficiente para defender a nossa casa e a nossa propriedade se fosse necessário.

Havia três armas guardadas numa caixa no seu quarto. Uma delas era a espingarda de serviço dele no exército; as outras duas tinham sido compradas no bazar.

– As mulheres também devem saber utilizar uma arma – disse ele. – Quando tiver dinheiro suficiente, compro mais uma *AK-47*, de maneira que, em caso de emergência, cada um de nós tenha uma à mão.

Mas o que um tal «caso de emergência» poderia ser, foi algo que o meu pai não revelou. E eu ainda não tinha imaginação suficiente para o conceber por mim própria. Nem sequer me passou pela cabeça que os cuidados do meu pai pudessem estar relacionados com o facto de nós sermos iazidis e não muçulmanos. Pensei sobretudo em potenciais assaltantes, que poderiam tentar roubar os nossos objetos de valor. A catástrofe que nos esperava estava inteiramente para lá dos limites da minha imaginação.



*O NOSSO MUNDO COMO ERA OUTRORA*

Vivíamos em Kocho, uma aldeia que se situa na planície a sul das montanhas Sinjar, no Norte do Iraque. Tinha mil e setecentos habitantes. Na primavera, a paisagem cintilava em todas as cores do arco-íris: a toda a volta da aldeia floresciam as inúmeras árvores, flores e plantas silvestres através das quais os pastores conduziam os seus rebanhos de cabras. No verão o calor secava tudo de novo, pelo que as plantas murchavam. Por isso, os aldeãos tinham construído alguns reservatórios de água em redor de Kocho, que nós utilizávamos para regar os campos. E também o nosso jardim, que era cercado por um muro alto e tinha de ser regado diariamente. Esse era um dos meus deveres: de manhã e à noite, pegava na comprida mangueira, abria a torneira do nosso terraço e aspergia as plantas com água.

Tínhamos um jardim muito bonito, onde cresciam amoreiras, amendoeiras e damasqueiros. À sombra destas árvores medravam ainda os legumes que a minha mãe plantava: curgetes, alho-francês, beringelas, batatas, cebolas, alfaces e couves. A toda a volta do terraço floresciam diferentes variedades de rosas que exalavam um perfume inebriante, sobretudo à noite. Nos meses mais quentes, a minha mãe, os meus irmãos mais novos, Serhad, Shivan e Keniwar, e eu passávamos quase todo o tempo naquele pequeno paraíso. Mas o meu pai e o meu irmão mais velho, Delan, também

apreciavam a paz e a frescura do nosso terraço, quando não estavam a trabalhar.

A casa propriamente dita tinha apenas um piso com cinco divisões: uma cozinha, uma sala de estar, o quarto dos meus pais, o dos meus quatro irmãos e o meu. Sendo a única filha da família, eu tinha direito a um pequeno reino só meu. Apesar disso, lamentava muitas vezes não ter nenhuma irmã; não me importaria nada de partilhar o quarto com ela. Tinha, contudo, autorização para convidar amigas sempre que quisesse. A minha amiga Evin e a minha prima Nura vinham frequentemente visitar-me. Nura e eu andávamos na mesma turma. Evin, no entanto, era alguns anos mais velha do que nós e já havia terminado a escola. Invejávamo-la pelo muito tempo livre de que dispunha, enquanto nós éramos obrigadas a dedicar longas tardes a fazer os trabalhos de casa. Com a sua maneira de ser calma e equilibrada, Evin era como uma irmã mais velha para nós.

Dos meus irmãos, aquele de que eu mais gostava era Delan, o mais velho. Passávamos muito tempo juntos e partilhávamos muitos interesses. Gostávamos de jogar futebol à tarde, entre as árvores do jardim. Foi o meu irmão mais velho que me ensinou a conduzir, às escondidas, nas montanhas. Porque, infelizmente, o nosso pai só o tinha ensinado a ele e ao nosso irmão mais novo, Serhad. Entendia que as raparigas não precisavam de saber conduzir. Além disso, ter aulas de condução ou tirar carta não era vulgar na nossa aldeia.

Na verdade, originalmente a nossa casa devia ter tido dois andares. Era assim que o nosso pai a tinha planeado, quando a construía, juntamente com o meu tio, anos antes. Mas o dinheiro que ele reservara para esse efeito depressa se esgotou. Com um salário de guarda de fronteira e um pouco de agricultura a título de rendimento extra, não tinha muita margem de manobra. Além disso, o meu pai fazia questão de que todos os seus filhos frequentassem a escola. Em suma, havia sempre algo mais importante a exigir recursos financeiros do que a construção de outro piso.

E, com o tempo, habituámo-nos às barras de ferro e aos arames grossos que brotavam do telhado. Muitas casas em Kocho tinham esse aspeto: as barras indicavam que a qualquer momento podia ser construído mais um piso. E no verão, quando ficava demasiado calor dentro de casa para se conseguir dormir, íamos para o telhado com as nossas esteiras, para desfrutar do ar fresco da noite lá em cima.

A minha mãe, que tinha uma atitude essencialmente pragmática em relação ao assunto, a certa altura prendeu cordas entre as barras e começou a estender lá a roupa. Delan e eu, naturalmente, achámos a ideia excelente, pois passávamos a vida metidos em sari-lhos por a nossa bola futebol suja falhar a baliza e ir parar aos lençóis lavados, quando a roupa ainda era posta a secar no jardim.

Mas há bastante tempo que haviam sido arrumados um misturador de cimento e diversos sacos do mesmo material entre as barras, tudo comprado por Delan com o seu salário de trabalhador da construção civil. O motivo: o meu irmão mais velho queria casar. Para isso, precisava obviamente de um apartamento onde viver com a futura esposa.

Também ainda precisava de uma mulher. Num dos nossos passeios pelas montanhas, ele confessou-me que a rapariga pela qual se tinha apaixonado fora obrigada a rejeitá-lo. Infelizmente, os pais dela já a tinham prometido a outro homem e não havia nada a fazer. Agora Delan ia tentar a sorte com Zevin, uma prima nossa com a qual eu me dava bastante bem.

– Vou rezar para que os pais dela te aceitem – prometi-lhe solenemente. O casamento entre primos é considerado entre nós como uma união particularmente desejável, porque se parte do princípio de que a vida em comum com parentes decorre de forma harmoniosa.

Nas aldeias vizinhas viviam principalmente árabes muçulmanos. Estes eram diferentes de nós em todos os aspetos, não só no que se refere à sua religião. Tinham também outros hábitos, outras tradições e costumes. Nós falávamos curdo, eles, árabe. E como

nós, iazidis, casamos apenas dentro da nossa própria comunidade religiosa, não tínhamos laços de parentesco em qualquer dessas localidades. No entanto, cultivávamos relações de amizade e, sobretudo, contactos comerciais com os muçulmanos. Lembro-me de que vinham frequentemente comerciantes muçulmanos a Kocho, para vender fruta ou doces. Esses comerciantes eram, bem entendido, muito bem-vindos por nós, crianças, e até os adultos se alegravam com os produtos que eles nos traziam.

Todos os rapazes da aldeia tinham, além disso, um «padrinho» muçulmano; trata-se do homem que segura o bebé nos braços quando é realizada a cerimónia da circuncisão. Para esse ato festivo, junta-se geralmente toda a aldeia, a assistir. Por exemplo, quando o meu irmão mais novo, Keniwar, foi circuncidado, quem o segurou foi um amigo muçulmano do meu pai. Com isso, tornou-se praticamente «tio» de Keniwar, seu patrono. E, embora não existissem laços de sangue entre as famílias, o padrinho muçulmano assumia a obrigação de ajudar a criança e, mais tarde, enquanto adulto, sempre que este precisasse do seu apoio. Simultaneamente, este ato também fortalecia os vínculos entre as famílias iazidis e muçulmanas, bem como entre o meu pai e o seu amigo de outra fé.

Mas, apesar desses laços, nós, iazidis, gozávamos de uma reputação extremamente duvidosa entre os muçulmanos. E tínhamos consciência disso. Muitos deles não escondiam o que pensavam de nós; quando nos visitavam na nossa aldeia, recusavam comer os nossos alimentos. Temiam que fossem «impuros». Visto darmos grande valor à hospitalidade, sentíamos isso muitas vezes como uma grave afronta. Por que motivo pensariam isso de nós, foi algo que permaneceu incompreensível para mim, enquanto criança, por muito tempo.

Mas as pessoas mais velhas da aldeia afirmavam que sempre tinha sido assim.

– A nossa história é uma história de perseguição e sofrimento – disse-me o meu avô. O pai do meu pai vivia, como é habitual

entre a nossa gente, na casa ao lado da nossa. Era um velhote digno, de bigode branco, que usava sempre os trajes brancos tradicionais, que simbolizam pureza espiritual. – Todos nos perseguiram: os curdos muçulmanos, os governadores do xá do Irão e os sultões otomanos. Massacraram-nos setenta e duas vezes. Raptaram inúmeras vezes as nossas mulheres, expulsaram-nos da nossa terra, obrigaram-nos, à ponta de espada, a renunciar à nossa religião.

O avô acariciou-me a cabeça com a sua mão grande e áspera, enquanto eu ouvia com temor essas histórias assustadores do passado.

– Tem cuidado com eles, pequenina – prosseguiu ele –, pois eles chamam-nos *Abadat al-Sheitan*. Adoradores do senhor do Inferno.

Isso assustou-me:

– Mas porquê?

– Porque alguém inventou essa mentira há muito tempo – respondeu o meu avô. Olhou para mim. Tal como os seus cabelos, os olhos também estavam cobertos por um lenço cinzento. Dava a impressão de que ele queria avaliar se eu já teria idade suficiente para compreender as coisas.

– É uma história complicada. – Ele apontou para o *Sanjak*, que se erguia em cima da sua cómoda. Tratava-se da figura de bronze de um pássaro com um ventre bastante volumoso.

– Sabes quem é?

– Claro – retorqui, indignada. – É Melek Taus. – O meu avô julgar-me-ia mesmo estúpida? Afinal, entre nós qualquer criança conhecia o anjo-pavão.

O avô fez um sinal de assentimento, satisfeito.

– Certo – confirmou, e fez uma pequena reverência na direção do pavão. – Melek Taus é, como sabes, o mais sublime dos sete anjos de Deus. É o mais belo e perfeito de todos os seres de luz. Mas, infelizmente, muitos muçulmanos acreditam que ele é exatamente o oposto.

– O quê? – perguntei, tão horrorizada como perplexa. Da boca de todos os que me rodeavam, eu não ouvira senão falar do ser divino maravilhoso que era o nosso anjo-pavão. E agora, de repente, ficava a saber que havia pessoas que acreditavam o contrário. Onde teriam ido buscar uma ideia tão absurda?

– Tudo isto é um mal-entendido – disse o meu avô. – Assenta num acontecimento que remonta ao início dos tempos. Quando Deus criou a Terra e a humanidade, ordenou a todos os anjos que se ajoelhassem diante de Adão. E que fizeram os anjos? – Fitou-me com um olhar perscrutador.

– Seguiram as instruções de Deus – deduzi.

– Exatamente. Fizeram isso mesmo. Todos menos um: Melek Taus. Ele foi o único que *não* se ajoelhou diante de Adão.

– Quer dizer que se recusou a obedecer a Deus? – Aquilo surpreendeu-me.

– Sim, recusou – reconheceu o meu avô. – Mas tinha uma boa razão para isso. Pois a ordem era um teste de Deus, que pretendia verificar a lealdade dos seus anjos. Deus queria saber se eles realmente o amavam apenas a Ele e não se inclinavam perante quaisquer outros seres vivos. Agora compreendes? Melek Taus não se ajoelhou diante de Adão porque todo o seu amor pertencia exclusivamente a Deus!

– Então passou no teste?

– Sim. Foi o único entre os anjos que permaneceu leal ao seu Senhor. Por isso, Deus ficou muito satisfeito com ele.

– Mas, avô! – interrompi, impaciente. – Então qual é o problema?

– O problema é que os muçulmanos interpretam esta história de modo completamente errado – declarou o velhote com veemência: – Pensam que Deus está irado com Melek Taus. É por isso que lhe chamam «anjo caído» e acreditam que ele é a personificação de todo o Mal.

Arregalei os olhos.

– Tomam-no pelo...?

– Chiu! – atalhou o meu avô, pousando o dedo sobre os lábios.  
– Nunca deves dizer esse nome. Ou eu teria de te matar.

Assustada, levantei o olhar para o rosto do meu avô, em busca de uma cintilação de ironia nos seus olhos. Mas a sua expressão manteve-se inflexível; não estava a brincar.

– Prometes-me que nunca o dirás?

– Nunca, avô – asseverei, comprimindo os lábios com força à laia de demonstração.

O meu avô começou a cantar baixinho, na sua voz profunda de baixo. Juntei-me a ele, com a minha voz clara:

«Oh, meu Senhor, Tu és o anjo, o que governa o mundo; oh, meu Senhor, Tu és o anjo, o rei generoso; és o anjo do grande trono; oh, meu Senhor, foste o único desde o princípio dos tempos.»

Por fim, o meu avô sorriu.

– Melek Taus é bondoso e misericordioso, Farida – disse ele.  
– Não te esqueças disso. Seja o que for que os outros digam sobre ele. E nunca confies neles!

– Nunca! – repeti, cerrando a mão direita resolutamente num punho. Naquele momento tinha percebido a verdadeira medida do problema da nossa existência: os muçulmanos entendiam-nos, a nós, iazidis, como servos do príncipe do Inferno! E por causa desse equívoco trágico, odiavam-nos.

Os rituais religiosos na nossa aldeia estavam inextricavelmente ligados aos processos da Natureza. Todas as madrugadas, antes de o dia clarear, subia ao telhado, com os meus pais e irmãos, para saudar os primeiros raios do sol. Às vezes, quando estava frio, fazíamos a saudação dentro de casa, no local exato que os raios de sol tocavam primeiro. Virávamos o rosto para lá e abríamos as mãos, como fazem também os muçulmanos e os cristãos ao rezar. Depois juntávamos as mãos e dizíamos:

«Amém, amém, amém. Bendita seja a nossa religião. Deus ajudará a nossa religião a sobreviver.»

Contudo, nós, os iazidis, não orávamos ao sol. De maneira nenhuma. Nas nossas orações, dirigíamo-nos sempre ao próprio Deus. O sol é apenas venerado, bem como a lua e o planeta Vénus, pois a energia divina flui através deles. Adoramos Deus várias vezes ao dia, e até à noite, perante a imagem desses corpos celestes.

A luz, especialmente a luz solar, é muito importante na nossa religião. Afinal, não é verdade que tudo no mundo depende de algum modo do sol? Seria possível a uma planta medrar sem luz? Seria possível cultivarmos os nossos campos? Seria possível colhermos e saciarmos a nossa fome através da colheita? Não! Por isso o sol é sagrado para nós; a sua luz é o nosso lugar de culto e a ligação mais importante a Deus.

Associamos também as diversas estações do ano a festas religiosas. O ciclo ritual na aldeia começava com a nossa celebração do Ano Novo, *Sere Sal*, na primeira quarta-feira de abril, chamada «quarta-feira vermelha». Nesse dia, decorávamos as nossas casas com flores e ovos pintados com cores garridas, pois simbolizam para nós o novo início de toda a vida e o princípio do mundo. Em criança, tinha sempre de os procurar no jardim. Os mesmos ovos eram depois festivamente oferecidos, pela minha mãe e pelas outras mulheres da aldeia, aos nossos antepassados no cemitério.

Comemorávamos o *Chile Havine*, os «quarenta dias de verão» e o *Sere Chil Zivistane*, os «quarenta dias de inverno». Ambas as festas incluíam complexas cerimónias religiosas e terminavam com um período de três dias de jejum.

No entanto, o acontecimento mais importante do ano era a peregrinação a Lalish. No outono, quando o calor mais intenso do verão abrandava e o clima se tornava de novo agradavelmente ameno, toda a aldeia se punha a caminho desse lugar místico: um vale maravilhoso e verdejante, irrigado por duas fontes que consideramos sagradas. Fica cerca de cento e cinquenta quilómetros a nordeste de Kocho, nas montanhas entre Dohuk e Mossul.

Para mim, Lalish é, a seguir à minha aldeia natal, uma espécie de segundo lar, o meu lar espiritual, visto os meus pais terem

começado a levar-me com eles na viagem anual ao vale desde que aprendi a andar. Ainda bebé, já me banhava nas águas da Fonte Branca. No entanto, Lalish não é apenas um local terreno, mas também, e acima de tudo, um lugar celestial: segundo a nossa fé iazidi, foi aqui que Deus desceu à Terra outrora. Aqui criou os sete anjos, o sol, a lua e as estrelas, todos os animais e plantas, os rios e o mar.

Assim, tudo teve início em Lalish, há muito tempo. Mesmo o Homem foi criado naquele ponto perfeito da Terra.

– Nós, iazidis, descendemos diretamente de Adão – disse o meu pai, que, para minha grande alegria, gostava de contar as antigas histórias no caminho para o santuário.

Como todos os homens da aldeia, para aquela ocasião festiva tinha trocado o uniforme azul do exército, que normalmente usava com tanto gosto, por uma túnica branca, complementada com um lenço branco na cabeça, fixado com uma faixa preta, ao estilo árabe. A minha mãe também trazia um lenço branco a envolver a cabeça. Ao contrário das muçulmanas, as mulheres iazidi não são obrigadas a cobrir-se. Portanto, as outras raparigas e eu íamos sem lenço e com roupas bastante modernas; vestíamos as mesmas calças, saias e blusas que levávamos para a escola. Contudo, tínhamos sempre o cuidado de garantir que pelo menos uma das peças era branca.

– É essa a principal diferença entre nós e todos os outros povos do mundo – explicou o meu pai. – Eles são filhos de Adão e Eva. Nós, em contrapartida, somos *ez xwede dam*, aqueles que foram «criados por Deus».

Todos os anos, quando virávamos para o vale, o meu pai mandava-nos tirar os sapatos e prosseguir descalços; ninguém devia profanar a terra sagrada com as solas dos sapatos.

– Não se esqueçam de que este solo foi pisado por nada menos do que o xeque Adi! – lembrava.

O xeque Adi, um pregador que viveu em Lalish há muitos séculos, é venerado por nós como uma reencarnação do anjo-pavão.

O seu túmulo encontra-se no santuário, que fica numa das encostas que se inclinam suavemente para o vale; o complexo cor de areia, com as torres altas e aguçadas dos túmulos sagrados, é visível ao longe.

Neste santuário dá-se todos os anos um encontro sobrenatural: sob a orientação do pavão, os sete anjos que guiam os destinos da Terra reúnem-se em setembro. Discutem os acontecimentos do ano seguinte e tomam decisões importantes acerca do futuro da humanidade. Da vertente terrena de Lalish, nós pretendíamos acompanhá-los nas suas deliberações e atrair o seu favor. Os nossos líderes espirituais também se juntavam para esse efeito todos os anos. Melek Taus revelava-se a eles durante o encontro de outono e anunciava a sua vontade.

Procurávamos portanto um lugar perto do santuário e instalávamo-nos lá. As estalagens eram reservadas apenas a pessoas muito importantes e a membros da nossa casta sacerdotal. Gente normal, como nós, acampava ao ar livre. Tínhamos uma manta grande, que os meus dois irmãos mais velhos esticavam sobre quatro estacas de madeira. Servia tanto para nos proteger do sol como da chuva. Empilhávamos ainda utensílios de cozinha, cobertores e comida debaixo dessa tenda improvisada. Uma cabra, que levávamos como fonte de alimento, era amarrada a uma árvore próxima.

Eu adorava o tempo passado em Lalish. Para nós, jovens, a semana do outono significava sobretudo férias e diversão. Era como ir para um parque de campismo gigantesco, com todos os nossos amigos e parentes.

Passava os dias com a minha família. Cada dia obedecia a um programa definido com precisão. No primeiro dia, dirigíamo-nos à ponte de *Silat*, que se encontra na extremidade inferior do vale. Marca a transição entre o plano terreno e o plano sobrenatural de Lalish. Lavávamos as mãos três vezes com a água que corria sob a ponte, e atravessávamos a ponte também três vezes, com tochas nas mãos, dizendo: «A ponte de Silat, de um lado fica o Inferno, do outro, o Paraíso.» Depois íamos para a parte superior do vale

e cantávamos hinos religiosos. Repetíamos este processo durante três dias.

O túmulo do xeque Adi tornava-se então o centro das celebrações. O seu sarcófago e as colunas que o rodeavam eram adornados com magníficos lenços de seda coloridos. Estes lenços eram recolhidos ao quarto dia e levados para a fonte de Kaniya Spi. Aí assistíamos à respetiva lavagem cerimonial.

O sacrifício do touro, no quinto dia, era um dos pontos altos: ao som das salvas de tiros que anunciavam alto e bom som a morte do animal, todos os homens acorriam apressadamente ao santuário. O meu pai e os meus irmãos não queriam perder o espetáculo, a pretexto nenhum. Contudo, nós, as mulheres, não partilhávamos desse entusiasmo.

– O cheiro daquele sangue todo faz-me vomitar – confidenciou-me a minha mãe.

Do que eu mais gostava era das noites em Lalish, nas quais se realizavam danças tradicionais: ao som da música dos *Qewels*, os cantores sagrados que preservam o nosso conhecimento religioso, duas vezes sete homens, vestidos de branco da cabeça aos pés, caminhavam solenemente à volta do símbolo do sol. Seguiam um faquir, que trajava uma capa de pele escura e um chapéu preto pontiagudo, semelhante a um que se diz ter sido usado pelo próprio Melek Taus. O ritual noturno parecia-me tão misterioso quanto fascinante.

Muitas vezes esgueirava-me, com as minhas amigas Nura e Evin, para me encontrar com outros jovens ao abrigo da escuridão. Porque, claro, preferíamos passar o tempo com gente da nossa idade do que no círculo familiar. Por vezes, isso permitia-nos travar conhecimento com jovens de outras aldeias. Os adultos não viam isso com bons olhos, pois temiam o estabelecimento de conhecimentos ilícitos entre os sexos. No entanto, não conseguiam evitar completamente esses contactos, no meio do caos generalizado e da euforia da peregrinação.

Mas esses encontros acabavam por se manter sempre inofensivos. Como todas as raparigas, as minhas amigas e eu tínhamos

recebido uma educação severa, em conformidade com o código de honra da nossa comunidade. Nesse código, a virgindade de uma noiva desempenha um papel extremamente importante. As relações pré-matrimoniais eram uma questão que não se punha de todo, em quaisquer circunstâncias. Por isso tudo se limitava a algumas brincadeiras com os rapazes da nossa idade, ou à troca de olhares furtivos.